

7 de junho

O Róseo Colhereiro

Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus. I S. Pedro 3:3 e 4.

No início do século atual, as mulheres elegantes usavam penas de aves como adorno de chapéus e roupas. Nalguns casos, usavam-se até mesmo aves inteiras. Muitas espécies corriam o risco de serem exterminadas por causa de suas penas.

Uma das mais belas aves sujeitas à extinção era o róseo colhereiro (ajajá) - uma grande ave cor-de-rosa e branca, com as costas avermelhadas. Seu nome deriva do fato de que o seu bico se assemelha a uma colher, e é usado por ela para alimentar-se na lama de açudes e lagoas pouco profundas, perto dos quais costuma viver.

A Natureza tem favorecido os colhereiros em sua luta pela sobrevivência, provendo-lhes constante abrigo na espessa coragem dos mangues em que tais aves constroem seus ninhos. Ali os filhotes recebem todos os cuidados necessários até serem capazes de voar para perto da água, em busca de alimento.

Um cientista procurou certa vez estudar os hábitos de nidificação dos colhereiros. Ele marcou com tinta azul as orlas dos ninhos que pretendia observar, porque assim as aves ficariam assinaladas ao pousarem sobre os ovos. Quando, porém, os machos se aproximavam do ninho contendo tinta fresca, pareciam examinar atentamente a área pintada e começavam então a remover dos ninhos os gravetos pintados, pegando-os pelas pontas que não continham tinta.

Assim como os colhereiros não querem estragar a sua beleza natural com a pintura, devemos manter nossa aparência natural e cultivar a beleza interior que faz com que até as pessoas mais simples sejam formosas.